

Disney

GRAVITY FALLS

ERA UMA
VEZ UM
SUÍNO



UNIVERSO DOS LIVROS



ERA UMA VEZ UM SUÍNO



Adaptado por Tracey West
Baseado na série criada por Alex Hirsch

São Paulo, 2020

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Copyright © 2014 Disney Enterprises, Inc.

© 2020 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização
prévia por escrito da editora, poderá ser
reproduzida ou transmitida sejam quais
forem os meios empregados: eletrônicos,
mecânicos, fotográficos, gravação ou
quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F.
Abranches

Tradução: Raquel Nakasone

Preparação: Nestor Turano Jr.

Revisão: Nathalia Ferrarezi e Tássia Carvalho

Arte: Valdinei Gomes

Diagramação: Aline Maria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

G818

Gravity Falls : era uma vez um
suíno / adaptado por Tracey West
; baseado na obra de Alex Hirsch
; tradução de Raquel Nakasone.
— São Paulo : Universo dos
Livros, 2020.
112 p. : il.

ISBN: 978-85-503-0517-2

Título original: *Once upon a
swine*

1. Literatura infantojuvenil 2.
Gravity Falls (Programa de
televisão) 3. Desenho animado I.
West, Tracey II. Hirsch, Alex III.
Nakasone, Raquel

20-1364

CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803
CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)



**PARTE
UM**

CAPÍTULO UM



ERA UM LINDO dia em Gravity Falls, e Stan Pines tinha arranjado um novo esquema para ganhar dinheiro.

Trabalhadores estavam ocupados montando atrações, tendas e barracas de comida para a primeira Feira do Mistério.

— Aí está, Mabel! — ele disse à sua sobrinha-neta, balançando o braço para mostrar a clareira na floresta.

— A feira mais barata que o dinheiro pode alugar! Poupei todas as despesas.

— Aaaaaaaah!

Paf!

Dipper, o irmão gêmeo de Mabel, pousou ao lado deles em um carrinho azul.

— Acho que o teleférico está quebrado — ele disse. — Assim como os meus ossos.

Stan riu.

— Engraçadinho. Tá bom, tá bom. Tenho um serviço pra vocês. Imprimi um monte de certificados falsos de inspeção de segurança. Colem em qualquer coisa que possivelmente me dê um processo. — Ele entregou uma pilha de papéis para cada um.



— Tivô Stan, isso é ilegal? — Mabel perguntou.

— Quando não tem polícia por perto, nada é ilegal — Stan respondeu.

Então caminhou até Soos, o faz-tudo da Cabana do Mistério. Ele estava ocupado soldando um braço de metal na lateral do tanque de água.

— Como está esse negócio do tanque? — Stan perguntou.

Soos retirou a máscara de soldagem.

— Quase pronto, sr. Pines.

Stan bateu no alvo pintado no braço de metal. Era perfeito! As pessoas poderiam jogar bolas o mais forte que conseguissem, e aquele braço não iria sequer se mexer. Ele ficaria ali sentado, sequinho, no topo do tanque de mergulho o dia todo.

— Rá! Não há nada no mundo que possa me derrubar — Stan concluiu.

— É, a não ser um canhão futurístico de plasma a laser

— Soos falou.

Stan apalpou os bolsos de seu casaco preto.

— Ei, você não viu minha chave de fenda vermelha por aí? A danada desapareceu.

— Talvez alguma criatura mágica ou algum treco paranormal tenha pegado — Soos sugeriu, falando a primeira ideia que lhe veio à mente.

— Você está passando muito tempo com as crianças! — Stan comentou.

Desde que Mabel e Dipper vieram para passar o verão em Gravity Falls, eles estavam testemunhando situações estranhas nas florestas do Noroeste Pacífico: desde monstros até uma criança sinistra com poderes psíquicos. Mas Stan parecia nunca acreditar neles.

Então ele provavelmente não acreditaria se soubesse a verdade: um treco paranormal tinha pegado a chave de fenda de Stan. Era um homem gorducho, careca de casaco cinza que se escondia atrás dos banheiros químicos.



— A missão está prosseguindo conforme o planejado — o homem avisou para o seu relógio de pulso. — Câmbio!

Em seguida, usou a chave de fenda para ajustar o relógio. Primeiro, uma camuflagem de árvores apareceu em seu casaco. Depois, uma camuflagem de água. Mais tarde, finalmente, o casaco assumiu a mesma cor de menta dos banheiros químicos. Com um sorrisinho, ele saiu andando.



— É meio-dia! O tanque de mergulho está aberto! — Stan anunciou, sentado em cima do tanque e descansando os pés na água. Seu objetivo do dia era fazer o maior número de otários possível gastar dinheiro tentando derrubá-lo. Uma multidão já tinha se reunido ao redor. — Quem quer tirar uma casquinha de mim? — perguntou para a plateia.

Os espectadores atiraram dúzias de bolas no alvo do braço de metal, mas Stan não mergulhou na água como deveria. Ele deu risada, e as pessoas não pareceram nada satisfeitas. Na verdade, elas estavam absolutamente ofendidas. O plano de Stan de não cair — e ganhar dinheiro — estava funcionando.

Dipper também tinha um objetivo: ter um dia perfeito na feira com Wendy, a garota de quinze anos que trabalhava na Cabana do Mistério.

E o objetivo de Mabel era o mesmo de praticamente sempre: se divertir!

Dipper trabalhava no seu objetivo na barraca Salsichas Misteriosas, onde Wendy e ele compraram salsichas no espeto, em formato de pontos de interrogação.

— Como será que elas ficam nesse formato? — Dipper perguntou. — Não é natural, né?

Wendy ergueu sua salsicha coberta de mostarda e a posicionou no final da placa pendurada na barraca, onde se lia “UMA DELÍCIA”.

— Mas, Dipper, elas são tão... deliciosas?

Eles riram, e a mostarda respingou na manga da camisa xadrez de Wendy.

— Ah, não! Já volto — ela disse, se afastando.

— Te espero aqui! — Dipper falou. Então soltou uma risadinha e completou, baixinho: — Eu te amo.



Mabel se aproximou de Dipper segurando um algodão-doce em cada mão.

— Olha só vocês dois! Tão românticos na feira!

— Não é maravilhoso? Eu mergulhei. Disse “ei, quer ir na feira comigo?”. E sabe o que ela respondeu? “Tá, acho que sim.” Deu supercerto! Seus conselhos sobre ir à luta estão funcionando mesmo.

— Quando você vai aprender, Dipper? Estou sempre certa sobre tudo — Mabel disse. Então cheirou o ar. — Está sentindo um cheiro de perfume barato?

— Ei, algum dos bobalhões viu a Wendy por aí? —
Robbie perguntou.

— Quem quer saber? — Dipper respondeu, apesar de saber exatamente quem Robbie era: alguém que provavelmente arruinaria seu dia perfeito!

Robbie pegou um pedaço do algodão-doce na mão de Mabel e o enfiou na boca.

— Ei! — Mabel reclamou.

Robbie a ignorou. Ele colocou o pé em uma caixa velha e fez uma pose.

— Eu comprei um jeans superjusto. Pensei que ela ia querer dar uma olhada.

— Ah, acho que a vi no poço sem fundo — Dipper disse.
— Você devia pular dentro dele.

— Talvez eu pule, espertinho — Robbie falou com sarcasmo, esbarrando em Dipper ao sair de perto deles.

— Mas que imbecil — Mabel comentou.

— É, só que ele é um imbecil com jeans apertados e uma guitarra. Preciso mantê-lo longe da Wendy de qualquer jeito.

Mabel colocou uma mão em seu ombro.

— Não se preocupe, maninho. Haja o que houver, eu estarei aqui te dando apoio a cada passo da...

Seus olhos se arregalaram e ela derrubou o algodão-doce.

— Oh, minha nossa, um porco! — guinchou, apontando para um panfleto onde se lia “GANHE UM PORCO”.

Mabel seguiu a seta do panfleto, que indicava a barraca do suíno, correndo o mais rápido que pôde. Na barraca, o fazendeiro Sprott estava parado na lama ao lado de um monte de filhotes de porcos rosados.

— Se conseguir adivinhar o peso do porco, você pode levar pra casa! — anunciou.

Mabel se inclinou na cerca. Ela tinha se encantado com um dos animaizinhos.

— *Oinc-el!*

— Ele disse “Mabel”! — Mabel gritou. — Isso ou “adorável”. Você disse “Mabel” ou “adorável”?

— *Oinc-el!*

Mabel suspirou. Ela tinha certeza de que ele tinha falado seu nome. Esse era o porco dos seus sonhos!

Então Pacífica Noroeste e duas amigas dela passaram por perto. Ela era superpopular e nunca havia sido legal com Mabel.

— Oh, olhe, Mabel achou seu irmão gêmeo —

Pacífica alfinetou, e sua turma deu umas risadinhas.

Mabel as ignorou, acenou para o fazendeiro Sprott e falou:

— Senhor, eu preciso desse porco!

— Ah, sim, o velho Oito Quilos? Quanto acha que ele pesa? — o fazendeiro perguntou.

— Hum... oito quilos? — Mabel respondeu.

— Você é algum tipo de bruxa? Bem, aqui está seu porco.



O fazendeiro o entregou a Mabel, e ela o abraçou.
— Agora está tudo diferente — sussurrou para o bichinho.



CAPÍTULO DOIS



ENQUANTO MABEL cobria seu porco de amor, Dipper e sua paixão secreta passeavam pela feira. Wendy apontou para uma tenda com os prêmios expostos no alto: algum tipo de bicho de pelúcia esquisito, cor-de-rosa e roxo.

— Uau, olha só — Wendy disse. — Não sei se é um pato ou um panda, mas quero um!

Dipper analisou a tenda. Para ganhar o prêmio, era preciso jogar uma bola na pirâmide de garrafas de leite e derrubar todas.

— Meu tivô me ensinou o segredo dessas brincadeiras —
Dipper contou. — Você mira na cabeça do cara e pega o
prêmio enquanto ele estiver desmaiado.

Wendy riu.

— Legal.

Dipper entregou um tíquete ao rapaz.

— Uma bola, por favor.

— Você só tem uma chance — o homem anunciou
categoricamente.

Dipper fechou um olho, mirando.

— E um e dois e...

Ele jogou a bola com o máximo de força que conseguiu.

Pof! A bola errou as garrafas e acertou a bancada abaixo.

Paf! A bola voltou e acertou Wendy bem no olho!

— Ai, meu olho! — ela gritou.

Dipper entrou em pânico.



— Ah, caramba! Ah, caramba! Wendy, você está bem?

— Está inchado? — ela perguntou enquanto seu olho adquiria um tom escuro de roxo e inchava até ficar do tamanho de uma laranja.

— Vai ficar tudo bem — Dipper falou. — Não esquentar! Eu... vou pegar gelo.

Ele saiu correndo para a Cabana do

Mistério e apanhou um saco de gelo. Correu de volta para a multidão e... *bam!* Esbarrou no careca esquisito de macacão cinza. O saco de gelo voou das mãos de Dipper, espalhando gelo pela grama.

— Ei, olha por onde anda, cara! — o garoto disse. Dipper rapidamente recolheu o gelo, mas era tarde demais.

Robbie estava na tenda de jogos, com um sorvete de uva no olho roxo de Wendy.

— Está tudo bem, é só descansar o olho dentro da casquinha de sorvete — ele falou para a garota.

— Robbie, obrigada. Isso é muito fofo — ela disse. — Agradeço mesmo pelo seu gesto *e* pelo sorvete.

— É, eu só estava no lugar certo e na hora certa — Robbie respondeu. — Sabe, eu queria te perguntar, a gente tem passado um tempo juntos e eu queria saber se você quer sair comigo.

Dipper segurou a respiração, horrorizado.

— Tá, eu acho que sim — Wendy respondeu, encolhendo os ombros.

Dipper ficou paralisado. Era seu pior pesadelo!

Mabel chegou correndo.

— Olha, Dipper! Ganhei meu porquinho! Ele se chama Waddles. — Ela chacoalhou o animal.

Dipper suspirou.

— Tudo está diferente agora — ele falou para ninguém em especial, fitando o nada. O saco furou e todos os cubos de gelo caíram no chão.

— O que está olhando? — Mabel perguntou.

Dipper apontou para Robbie e Wendy. Robbie pegou a mão dela, e então eles correram para o

Túnel do Amor e Salsichas Empanadas.

— Oh — Mabel disse, entendendo tudo.



Dipper ficou vagando pela feira, e Mabel não o encontrou de novo até já estar tudo escuro. Dipper jogava no Arrisque na Rampa, uma das atrações, lamentando e olhando as estrelas.

De repente, Waddles apareceu na sua frente, vestido de médico.

— Chamando dr. Waddles! Temos aqui um garoto de coração partido — Mabel brincou, mas Dipper não deu risada. — Vamos, Dipper, é o que temos pra hoje.



— Mabel, já desejou poder voltar no tempo pra desfazer um erro? — Dipper perguntou.

— Não, eu faço tudo certo o tempo todo! — Mabel respondeu, confiante.

— Sabe, a Wendy só saiu com o Robbie porque ele estava lá com o sorvete, e ela só precisava de gelo por causa da bola, e eu estaria com o gelo se não fosse por causa... — Ele se sentou. — Daquele cara!

Ele apontou para o careca com macacão cinza, próximo à roda-gigante, mexendo em seu relógio.

— Ei, você! O do cinto de utilidades! Arruinou minha vida! — Dipper gritou, parando na frente dele.

O homem pareceu surpreso.

— Ahm?

— Não me venha com “ahm”! Eu te vi antes! Qual é a sua? Está seguindo a gente? — Dipper perguntou.

— Minha posição está comprometida! — o estranho gritou. — Entrando em camuflagem!

Ele ficou ajustando o relógio, mas o aparelho parecia avariado. Primeiro, ele assumiu as cores do arco-íris, depois um padrão de uma ilha nebulosa, dinossauros presos em seiva de árvore, um fliperama, e então seu macacão voltou à cor cinza.

— Fusão de cores. Iniciando fusão de cores. Anda, porcaria!

— Isso é *fantástico*! — Mabel exclamou e depois engasgou. — Você veio, tipo, do futuro?

— Ah, não, quem te disse isso? — o homem perguntou, transpirando. Então jogou algo no rosto de Mabel. — Limpar memória.

— Isso é pra limpar *bebê* — Mabel rebateu, arrancando o objeto do rosto.

Ele suspirou e se sentou em um fardo de palha.

— Certo. Me encurralaram. Sou um viajante do tempo.



— Espera aí — Dipper pediu. — Se você é do futuro... você tem uma máquina do tempo ou alguma coisa do tipo?

— É, mais ou menos isso — o careca respondeu.

Dipper deu uma olhada em Robbie e Wendy, juntos na roda-gigante. Uma ideia começou a tomar forma.

— Me empresta? — ele perguntou ao viajante do tempo.

CAPÍTULO TRÊS



— **RESPONDE, POSSO USAR** sua máquina do tempo só uma vez? — Dipper perguntou novamente.

— Nem pensar! — o estranho respondeu e pegou uma simples trena de seu cinto de utilidades. — Sabe, este é um equipamento do tempo sensível e complicadíssimo.

— Pra mim parece uma trena — Dipper observou. O homem ficou claramente ofendido.

— Ora, cale essa boca do tempo! Dipper se virou para sua irmã.

— Pra você isso faz sentido?

— Acho que ele é maluco! — Mabel sussurrou.

— Oh, vocês não acreditam em mim? — o homem perguntou e puxou a trena.

Puf! Ele desapareceu.

Puf! Ele reapareceu, vestindo roupas de uma Inglaterra elisabetana.

— Adivinhem onde eu estive? — ele perguntou.

— Uau! — gritaram Dipper e Mabel, impressionados.

— É isso mesmo! — gabou-se o homem. — Quinze anos atrás havia uma loja de fantasias bem aqui! Esperem um segundo.

Ele puxou a trena de novo. *Puf!* Desapareceu e então reapareceu em seu macacão cinza, agora em chamas — um efeito colateral da viagem no tempo.

— Ah, caramba! Apaga! — ele gritou, apagando as chamas em suas mangas. Em seguida, guardou a trena no cinto de utilidades.

— Então, quem é você mesmo? — Mabel perguntou.

— Blendin Blandin — o viajante do tempo respondeu. — Equipe de remoção de anomalias temporais, ano vinte-sietenta-doze. Minha missão é impedir uma série de anomalias temporais que deve acontecer aqui neste local. Mas não estou vendo anomalia alguma. Não sei se é um tipo de paradoxo ou se estou muito cansado.

Dipper teve uma ideia.

— Sabe, acho que você precisa fazer uma pausinha — sugeriu.

Mabel assentiu, sacando o plano de Dipper.

— Com certeza. Podemos recomendar uma das várias atrações da Feira do Mistério? — ela perguntou, oferecendo alguns tíquetes.

— Sabe de uma coisa? O que tem de errado? Eu mereço!

— Blendin gritou, pegando os bilhetes. — Mas estou de olho em vocês.

Dipper e Mabel o seguiram até o Gira-Gira de Barris Enferrujados, onde era possível entrar em um barril enferrujado que girava... e girava... e girava. Soos estava comandando a atração.

— Um, por favor.

— Ah, desculpa, cara. Mas vai ter que tirar o cinturão pra entrar — Soos informou. — Alguma ferramenta pode sair voando e consertar alguma coisa.

Blendin tirou o cinto e o entregou a Soos.

— Proteja isso com a sua vida.

— Vou vigiar isso como um falcão — ele prometeu, enquanto Blendin subia no barril. Soos colocou o cinto em um barril e então virou as costas.

Dipper percebeu sua chance e rapidamente pegou a trena. Ele e Mabel correram de volta para a Cabana do Mistério.

— Aqui está, Mabel — disse, sem tirar os olhos da trena —, o nosso ingresso para qualquer momento da História!



— Vamos buscar uns dinossauros e os obrigar a namorar!

— Mabel sugeriu. Ela lamentava que a espécie estivesse extinta.

— Não! A gente tem que ficar esperto com isso! —

Dipper observou. — Esse papo de paradoxo me deixou apavorado. Tudo o que vamos fazer é voltar e consertar meu único erro. Se eu não errar a bola de beisebol, não vou acertar o olho da Wendy, o Robbie não vai consolá-la e eles não vão começar a namorar.



— Eu também vou! — Mabel disse. — Quero reviver o melhor momento da minha vida: ganhar o Waddles! — Ela deu um beijo na bochecha do porco.

Dipper foi puxando a trena devagar, até ver o momento perfeito para voltar: seis horas. Então parou.

— Até mais tarde — ele falou para Waddles.

— Até mais *cedo*! — Mabel o corrigiu.

Dipper apertou um botão na trena.

Puf!

Os gêmeos apareceram na Cabana do Mistério exatamente seis horas antes. Dipper apagou depressa uma pequena chama que surgiu em seu boné. Então ele e Mabel correram para a porta e saíram rumo à feira.

O sol estava brilhando. A voz de Stan ressoou.

— É meio-dia! O tanque de mergulho está aberto!

Dipper olhou para Mabel e sorriu.

— Refazer?

— Refazer! — Mabel gritou e saiu correndo para a tenda do porco.

— Se acertar o peso do... — o fazendeiro Sprott começou.

— Oito quilos! — ela berrou, pegando Waddles. — E, sim, eu sou uma bruxa!

Enquanto isso, Dipper encontrou Wendy perto da tenda da bola.

— Olha quem chegou! — ela disse. — O que aconteceu com o seu boné?

— Nada — ele respondeu, então apontou para os bichos de pelúcia. — Olha, o que é aquilo?

— Nossa, olha só! — Wendy falou. — Não sei se é um panda ou um pato, mas quero um.

Dipper entregou um tíquete ao atendente.

— Uma bola, por favor.

— Você só tem uma chance — o homem alertou.

— É o que você pensa. Um pato-panda a caminho! — Então ele aumentou a voz. — Muito bem, Dipper, segunda chance. Não vá fazer besteira.

Ele segurou a bola firmemente. Dessa vez, mirou um pouco mais baixo. Jogou com mais força e...

— Isso! — Ele acertou as garrafas. Mas a bola pousou na beirada da madeira e quicou na direção de Wendy...

— Ai, meu olho! — ela gemeu.

— O quê? — Dipper não conseguia acreditar. Ele tinha acertado as garrafas! Isso não deveria ter acontecido!

— E aí, tá inchado? — Wendy perguntou e de repente abriu um sorriso. — Ei, Robbie! — cumprimentou.

Robbie apareceu segurando um sorvete.

— Então, eu estava pensando... a gente tem passado um tempo juntos... e eu queria saber se, tipo, você quer sair comigo.

Dipper ficou observando de olhos arregalados. Ele não podia acreditar que estava acontecendo de novo.

— Tá, eu acho que sim — Wendy respondeu.

Robbie assentiu com a cabeça.

— Legal!

Os olhos de Dipper tremeram.

Ele saiu correndo para encontrar Mabel.

— Aconteceu exatamente a mesma coisa duas vezes! —
Pode ser uma maldição do tempo! Ei, Waddles, sabe dizer
“maldição do tempo”?

— *Oinc, oinc!*

Mabel deu um gritinho e o abraçou.



— Que bochechinha gordinha!

Dipper estava pensativo.

— Será que as forças do tempo conspiram naturalmente
pra desfazer minha tentativa de forçar um novo resultado?

— deixou escapar em voz alta. — Não, não. Tenho que
tentar de novo. Terceira tentativa!

— Não vai ser difícil — Mabel disse.

É o que eles estavam prestes a descobrir...

CAPÍTULO QUATRO



NÃO IMPORTAVA DE QUANTAS tentativas precisasse, Dipper estava determinado a voltar no tempo para fazer as coisas do jeito certo com Wendy. Se tudo ocorresse de acordo com o plano, ele ganharia o prêmio, a bola não a acertaria no olho, e ela o acharia superlegal. Custasse o que custasse, ele apenas não podia permitir que Robbie a chamasse para sair. Ele e Mabel puxaram a trena.

Puf!

Eles apareceram exatamente ao meio-dia. Mabel ganhou Waddles de novo.

Desta vez, Dipper jogou a bola com a mão esquerda, em vez da direita. Ela derrubou as garrafas, acertou o quadro e voltou direto contra o olho de Wendy.

— Ai, meu olho! — ela gritou.

No mesmo instante, Robbie apareceu.

— Ei, você tá legal?

Dipper tinha falhado novamente. Encontrou Mabel com Waddles na cabine de foto instantânea e eles tentaram mais uma vez.

Puf!

Mabel ganhou Waddles de novo.

Desta vez, Dipper ficou do lado esquerdo de Wendy em vez do direito. Ele jogou a bola, e ela acabou acertando um bicho de pelúcia, quicando no nariz do atendente e então...

— Ai, meu olho! — Wendy gritou.

E lá vinha Robbie.

— Oh, que azar.

Então Dipper tentou mais uma vez.

Puf!

Mabel ganhou Waddles. Eles dividiram um pedaço de pizza.



Dipper tentou não jogar a bola logo de cara.

— Escuta, Wendy. Você está querendo muito esse bicho de pelúcia? — perguntou.

— Mais que qualquer coisa no mundo, Dipper — ela respondeu.

Dipper suspirou.

— Então tá bom.

Desta vez, ele mirou baixo e acertou o suporte de madeira que apoiava as garrafas. A bola quicou e voou para cima, atingindo o saco de bolas pendurado no telhado. O saco rasgou e as bolas todas acertaram Wendy no rosto.

— Ai! — ela gritou enquanto Robbie aparecia.

— Adoro meu porco! — Mabel anunciou ao mundo, sentada com Waddles na roda-gigante.

Puf!

Dipper sabia que deveria bolar uma estratégia. Começou a fazer cálculos no vidro da máquina de pipoca.

— Certo. Calcular a velocidade do vento, tomar o algodão-doce...

— Admita, Dipper. Você está destinado a ter um dia ruim na feira — Mabel lhe disse, tricotando um suéter para Waddles. — Assim como estou destinada a ficar com o Waddles!



— É que está faltando uma variável aqui — Dipper respondeu, pensativo.

— O que é variável? — Mabel perguntou.

Dipper encarava os cálculos quando, então, seus olhos se iluminaram.

— Ah, é isso! Calculei um jeito de acertar a bola sem bater na Wendy e evitar que a Wendy e o Robbie fiquem juntos.

— Incrível! Vou lá ganhar meu porco de novo.

— Não, você não pode ir — Dipper avisou, segurando-a pelo braço. — Preciso de você no plano!

— Mas e o meu Waddles?

— Só vai levar uns minutinhos. Vamos lá!

Dipper a arrastou consigo. Logo estava de volta na tenda com Wendy. Entregou seu tíquete e pegou a bola. Então enfiou um dedo na boca e o levantou no ar para verificar a direção do vento.

Perfeito! Estava pronto.

— E um e dois e...

Ele jogou a bola não em direção às garrafas, mas em direção ao topo de uma tenda próxima. A bola rolou pela lona curvada e voou para o telhado da Cabana do Mistério, onde Mabel esperava. Prestes a pousar na calha, a garota a levantou bem a tempo.

Em seguida, a bola voou para o alvo no tanque de Stan, acertando-o sem derrubá-lo. Então atingiu o sorvete nas mãos de Robbie e colidiu com as garrafas.

Tuc! As garrafas desabaram. A bolinha caiu no chão, inocente.

Wendy estava bem!

O atendente segurava o prêmio.

— Aqui está sua criatura de pelúcia de espécie indeterminada, moça.

— Legal! — Wendy gritou.

Então Robbie apareceu.

— Olha, eu estava pensando se você não queria...

— Olha o que o Dipper me deu! — Wendy o interrompeu, mostrando seu prêmio.

Robbie encolheu os ombros.

— Ah, grande coisa. Não sei nem dizer de que espécie ele é. Ridículo. — Robbie colocou o capuz na cabeça e se afastou.

— O que ele tem? — Wendy perguntou. — Acho que vim à feira com o cara certo.

Dipper sorria de orelha a orelha.

Mabel observava o irmão e Wendy.



Dipper olhou para ela e fez um joinha com a mão.

— Disponha a qualquer hora — ela disse, sorrindo e devolvendo o joinha. — Agora vou ganhar meu porco.

Mas, quando se aproximou da tenda do fazendeiro Spratt, Mabel engasgou. Pacífica tinha chegado antes! E o fazendeiro Spratt estava lhe entregando Waddles!

— É todo seu, de ninguém mais — ele disse a Pacífica.
— O velho Oito Quilos é seu para sempre!

Mabel gritou e correu para encontrar Dipper. Ele estava saindo do Túnel do Amor e Salsichas Empanadas enquanto Wendy se adiantava para pegar um bolo de funil para eles.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah! — Mabel gritou.

— O que aconteceu? — Dipper perguntou.

— Aaaah!

— Vou só esperar você terminar — Dipper disse.

Mabel parou.

— Terminei.

— Então o que aconteceu? — o irmão perguntou.

— Estragamos a linha do tempo! — Mabel contou. — Pacífica viu o folheto e ganhou o Waddles antes de mim!

— Ah, Mabel, eu sinto muito.

Mabel suspirou.

— Tudo bem. Só precisamos voltar e fazer tudo de outra forma. — Ela pegou a trena dele.

Dipper engasgou e pegou o objeto de volta.

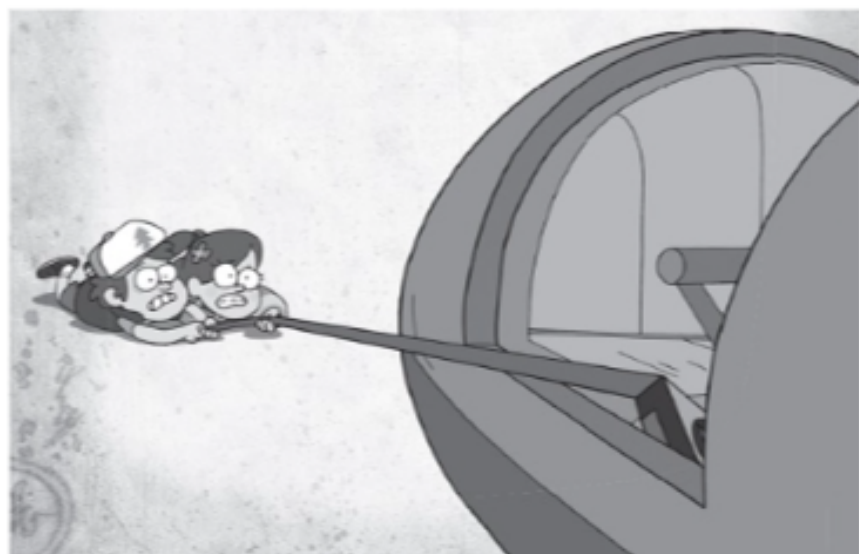
— Espera aí, Mabel! Eu calculei. Em qualquer outra linha do tempo, a Wendy fica com o Robbie! Eu não posso estragar isso!

— Mas, se não formos, vou perder o Waddles pra sempre! — Mabel gritou, tentando agarrar a trena. Ela e Dipper lutaram, cada um querendo assumir o controle da pequenina máquina do tempo.

— Me dá isso aqui! — Dipper grunhiu.

Ele deu um puxão forte, e a trena saiu voando. Dipper e Mabel seguraram a ponta, e o objeto foi parar no banco de um carrinho do Túnel do Amor e Salsichas Empanadas. Quando o carrinho começou a se mover, levou a trena para longe, mais longe, e então...

Puf!



Dipper e Mabel apareceram no meio de uma estrada de terra rodeada de pinheiros altos. Parecia Gravity Falls, só que não havia feira, Cabana do Mistério ou qualquer pessoa.

— *Quando* nós estamos?

— A pergunta certa é: *quando* nós estamos? — Mabel disse. — Ah, você já disse isso? Porque...

— É, eu sei — Dipper falou.

De repente, o chão sob seus pés tremeu. Um som alto e retumbante preencheu o ar.

— Ouviu isso? — Dipper perguntou, e os gêmeos se viraram.

Uma manada de bisões vinha correndo a toda velocidade estrada abaixo!

CAPÍTULO CINCO



DIPPER E MABEL gritavam enquanto fugiam da debandada. Em pânico, não perceberam que seguiam bem em direção ao precipício.

— Aaaaaaaaah!

Eles caíram, mas a sorte estava do lado deles. Uma carroça passava pela trilha bem abaixo na montanha. Eles rasgaram o tecido que cobria a carroça e pousaram em seu interior, sãos e salvos.

Do lado de fora, o guia montava um cavalo, abrindo caminho.

— Fiquem atentos aos leões-da-montanha, viajantes! — alertou.

O cozinheiro grisalho seguia ao lado da carroça segurando um cantil.

— Disenteria? Quem quer disenteria?

O condutor puxou todas as rédeas.

— Vão em frente! Uma nova vida nos aguarda nessa trilha do Oregon!

— Onde nós estamos? Anos 1970? — Mabel perguntou a Dipper.

— Nos fez voltar 150 anos, gênio. Estamos na Era dos Pioneiros!

O condutor da carroça olhou para trás e viu Dipper e Mabel.

— Santa prole! — exclamou. — Fertilla, parece que você deu à luz mais dois filhos!

Dipper e Mabel seguiram seu olhar para dentro da carroça, onde cinco crianças cercavam sua mãe pioneira.

— Parece que sim! — a mulher disse. — Mais mãozinhas pra poder extrair banha.

— Banha, o quê? — Mabel perguntou.

Um garoto apontou para Mabel.

— Mãe, ela tem um monte de prata na boca!

— Isso se chama aparelho — Mabel explicou.



— Mabel, não podemos mexer com o passado! — Dipper sussurrou.

— Ah, falou o cara que mexeu com o passado o dia inteiro e me custou um porco. Eu mexo com o que eu bem entender!

Ela tirou uma calculadora do bolso.

— Olha isso, uma máquina com botões mágicos!

Dipper tomou a calculadora de Mabel, e ela, por sua vez, afundou seu par de tênis brilhantes contra o chão da carroça.

— Tênis que piscam!

A família de pioneiros vaiou.

Mabel apontou para a mãe.

— E aí, maninha? Sabe quem poderá votar no futuro? Isso mesmo! Nós, mulheres! Toca aqui!

Ela estendeu a mão aberta, e a mãe instintivamente bateu nela.

— Isso se chama “toca aqui”. Ensine a seus amigos.

Dipper pegou a trena.

— Me dá isso aqui! Vou acertar a linha do tempo! — ele gritou e rapidamente puxou a trena.

— Ei, não! — Mabel se lançou sobre ele e pegou o objeto no instante em que eles...

Puf!

... se perceberam embaixo da sombra de um raivoso *Tyrannosaurus rex*.

— Aaaaaaaaah!

Mabel puxou a trena depressa.

Puf!

Desta vez, eles apareceram em um futuro distante. Edifícios desmoronavam em volta ao mesmo tempo que policiais da Era Espacial corriam, gritando:

— Está vindo!

Um bebê gigante flutuava na direção deles, atirando laser vermelho pelos olhos.

— Que futuro legal — Mabel observou.

Dipper pegou a trena das mãos dela.

Puf!



Agora eles estavam de volta em Gravity Falls, mas não era o dia da feira. Estavam no lago, onde o Velho McGucket vociferava sobre o monstro. Mabel arrancou a trena de Dipper. *Puf!* Agora eles passavam correndo por Tivô Stan inaugurando uma estátua de si mesmo. *Puf!* E agora estavam na Cabana do Mistério, onde viram o Monstro Gnomo que os atacara da primeira vez que vieram a Gravity Falls. Todas essas situações já tinham acontecido com eles naquele verão.

A trena começou a brilhar, ficando branca e muito quente. Estava voando das mãos de Mabel. Ao redor deles, a neve se acumulava na Cabana do Mistério.

— O que você fez? — Dipper perguntou, derrapando na neve até parar.

— Não sei! — Mabel gemeu.

Então a luz branca e quente foi ficando mais forte e mais forte...

Puf!

E eles apareceram em uma escuridão total.

— Nada além de escuridão sombria ao redor — Dipper disse, enquanto o pânico crescia em sua voz. — Mabel, não está vendo? Você mandou a gente pro fim dos tempos!

— Aaaaaaaaah! — gritaram.

— Espera aí, por que aqui dentro cheira tão mal? — Mabel perguntou.

Dipper descobriu uma porta e a abriu. Eles estavam dentro de um banheiro químico!

— Olha, voltamos ao presente! — Mabel exclamou, pondo-se para fora.

— Mas qual presente? — Dipper perguntou.

Então eles viram Wendy segurando seu pato-panda de pelúcia. Sem olho roxo.

— Isso! — Dipper comemorou.

Pacífica passou, arrastando um hesitante Waddles pela coleira.

— Não! — Mabel gritou, tentando agarrar a trena. — Me dá isso aqui! Dipper, me devolve!

Ela o perseguiu em torno do banheiro químico, e Dipper teve que subir no teto do banheiro para escapar.

— Olha, Mabel, acabou — ele disse. — Desiste! Dei muito duro pra perder isso.

— Mas e o meu Waddles? Ele era minha alma gêmea — Mabel falou, triste.

— Você falou isso sobre uma bola de lã uma vez

— Dipper argumentou. — Quer mesmo que a Wendy namore o Robbie?

Mabel suspirou.

— Eu sei lá.

Ela pegou a foto que tinha tirado com Waddles na cabine, e lágrimas encheram seus olhos. Caminhou até um poste próximo e apoiou a cabeça nele.

— Não vai fazer eu me sentir culpado, Mabel — Dipper disse. — Dessa vez, não.

Mabel só ficou batendo a cabeça no poste. De novo... e de novo... e de novo.

— Qual é, Mabel? Eu conheço você. Vai esquecer isso em um dia. Aqui, posso provar.

Puf!



Ele avançou um dia, e ela ainda estava batendo a cabeça no poste.

Puf!

Uma semana mais tarde, e ela ainda estava lá. *Puf!*

Um mês mais tarde, e ela ainda não tinha parado.

Trepadeiras subiam por suas pernas, e uma lesma havia feito um ninho em seu ombro.

— Waddles... Waddles... — ela falava baixinho.

Soos passou, conduzindo um grupo de turistas.

— E, se olharem pra esquerda, verão a Infeliz Mabel, a menina que endoidou quando seus sonhos foram destruídos por um idiota desalmado. Ah, oi, Dipper.

Dipper gemeu. Ele odiava ver sua irmã daquela maneira. Quase tanto quanto odiava ver Wendy saindo com Robbie. Com um suspiro, puxou a trena uma última vez.

Puf!

Estava de volta à feira, parado na frente da tenda do jogo com Wendy.



— Não sei se é um pato ou um panda, mas quero um — Wendy falou.

— Wendy, só queria dizer que a gente comete erros. E, quando cometemos, merecemos perdão — ele falou para ela. — E que calça justa não tá com nada.

— Cara, me perdeu.

— Eu sei. — Dipper estava prestes a perdê-la de verdade. Talvez para sempre. Entregou o tíquete ao atendente.

— Uma bola, por favor.



— **AI, MEU OLHO!** — Wendy gritou quando a bola a acertou.

Robbie apareceu bem na hora.

— Ei, Wendy, você tá legal? Sabe, este é o momento perfeito pra eu te perguntar uma coisa.

Dipper franziu a testa.

— Está feito.



Mabel veio correndo com Waddles. Ela derrubou Dipper e Waddles lambeu sua bochecha.

— Dipper, obrigada! Obrigada! Obrigada! — Mabel gritou alegremente, abraçando o irmão.

— *Oinc!* — disse Waddles.

Mabel sorriu, orgulhosa.

— Ele disse “obrigado” em *porquês*. Não disse, Waddles?

— *Oinc!* — Waddles respondeu.

Dipper olhou para a irmã.

— Eu não podia partir o seu coração, Mabel. Aliás, não tem como a Wendy namorar o Robbie as férias inteiras, né?



De repente, Dipper sentiu algo pegando a trena de suas mãos. Era Blendin, e ele estava furioso.

— Vocês dois! — gritou, apontando para eles. — Vocês fazem alguma ideia de quantas leis do tempo transgrediram? Estou perguntando. Não estava lá com vocês. Devem ter sido muitas.

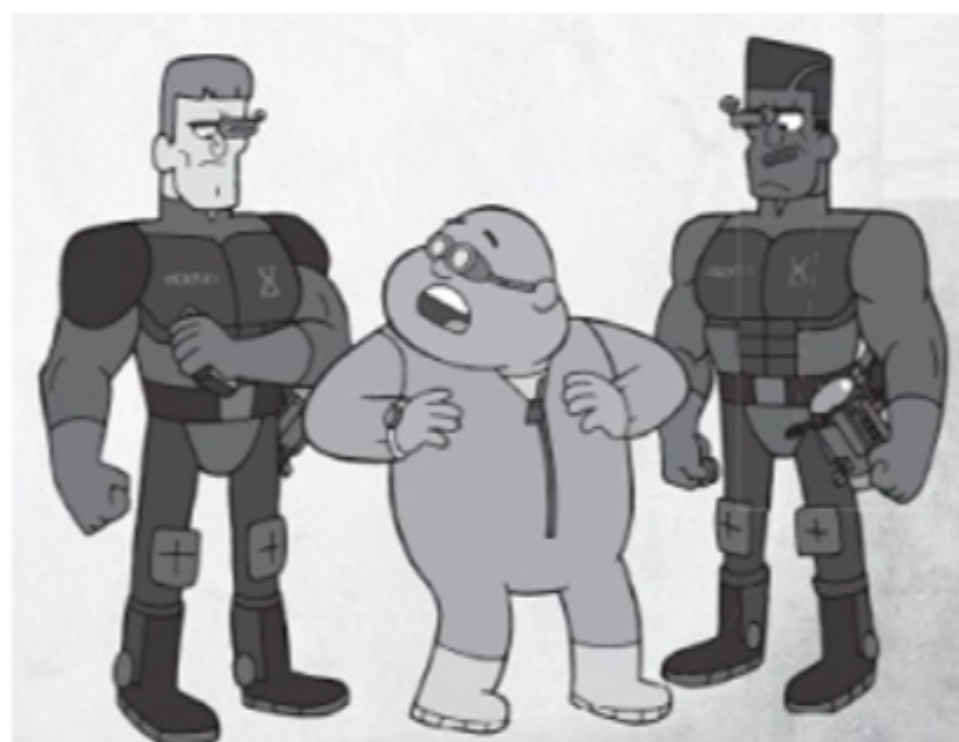
Puf!

Dois policiais enormes e musculosos de aparência futurística surgiram do nada. Estavam vestidos com uniformes pretos e blindados, adornado com o símbolo de uma ampulheta verde brilhante. Também tinham etiquetas: Lolph e Dungren.

— Blendin Blandin?

— Ah, o esquadrão de execução do impedimento de paradoxo temporal! — Blendin gritou.

— Isso mesmo. Nossos telefones estão tocando feito loucos. Pioneiros fazendo “toca aqui” no século XIX e calculadoras jogadas no lixo há oito séculos — disse Lolph.



— Você está preso por violação do código de conduta dos viajantes do tempo — Dungren lhe informou, com voz grave.

— Foram essas crianças! E seu líder Waddles — Blendin reclamou.

— É um porco, Blendin — Dungren rebateu. Os dois policiais o pegaram pelos braços e o arrastaram.

— E-eu vou pegar vocês — Blendin gaguejou, apontando para Dipper e Mabel. — Vou voltar no tempo pra impedir que seus pais se conheçam!

Dipper e Mabel se entreolharam.

— Bom, ainda estamos aqui — Dipper falou.

— Acho que ele se esqueceu de voltar — Mabel disse. Então a voz de Stan soou através de um megafone.

— Haha! Otários! Seus bolsos estão vazios e ainda estou aqui sentado e sequinho! — zombou, empoleirado no tanque.

A multidão o vaiou ruidosamente.

— É, uh uh, eu adoro! — Stan disse. Observou a plateia, à procura de mais “otários”, bem quando Lolph e Dungren passavam com Blendin.

— Ei, fortão! — berrou para Lolph. — Oi, estou falando com você, ô, franjinha! Experimente!

Sem uma palavra, Lolph ergueu sua arma a laser futurista.

Bam! O laser explodiu o braço do tanque. A plataforma de Stan se espatifou e ele caiu no tanque de água gelada.

A multidão batia palmas e dava vivas.

Então... *puf!* Os policiais do tempo e Blendin desapareceram.

— Acho que nunca vamos saber quem estava causando as anomalias temporais que Blendin estava procurando — Mabel falou para Dipper.

Dipper congelou.

— Espera aí, Mabel. Eu acho que fomos nós!

Mabel gemeu.

— Ai, meu cérebro dói.

Então Dipper viu Wendy com Robbie. Ele estava entregando uma maçã do amor para ela.

Dipper suspirou.

— Ah, cara. Vou aguentar isso as férias inteiras?



Mabel deu um sorrisinho para Dipper e disse:

— Eu tô nessa.

Ela colocou Waddles no chão. O porco sentiu o cheiro da maçã e disparou em direção a Robbie.

Aterrorizado, o jovem derrubou a maçã e fugiu. Ele bateu em uma mesa, derrubando um balde de água quente em suas pernas.

— Minha calça! Está encolhendo! — Robbie ganiu.

Todo mundo deu risada. Até Wendy.

— Ah, cara — Wendy comentou, piscando para Dipper. Dipper sorriu e deu uma palmadinha na cabeça de Waddles.

— Mandou bem, porco. Mandou bem.





**PARTE
DOIS**



ERA UMA NOITE como qualquer outra em Gravity Falls. O xerife Blubs e o delegado Durland estavam na viatura, no acostamento da estrada, vigiando os carros que passavam em alta velocidade. Durland rabiscava algo atentamente em um pedaço de papel.

— Se concentra, você treinou muito — Blubs disse. — Calma... calma... quase lá.

Durland fez mais uma linha com o lápis... que o levou direto para a boca do tubarão na *Passatempos divertidos para os espertões!*

— Que diacho! Eu quase consegui o tesouro! — reclamou.

— O tempo que passamos juntos já é um belo tesouro — o xerife disse.

De repente, a viatura começou a tremer, interrompendo o momento de ternura.

— Ei, sentiu isso? — o xerife perguntou.

Com um som asqueroso de metal sendo esmagado, algo arrancou o teto da viatura. Os dois olharam para o céu enquanto o teto do carro parecia voar sozinho.

— Nós precisamos relatar isso — o delegado Durland falou, com uma voz arrastada.

Mas o xerife Blubs só abriu um sorrisinho.



— Ou então dar uma volta no nosso novo conversível!

— Uhuuul! — comemorou o delegado, enquanto eles avançavam pela noite.

Se tivessem olhado para a lua cheia, teriam visto uma misteriosa criatura alada cortando o céu... à procura de algo.



Era uma manhã como qualquer outra na Cabana do Mistério. Stan estava conduzindo um tour para outro bando de turistas ingênuos. Ele dirigia um carrinho de golfe grande, com os turistas nos bancos de trás.

— E, se olharem para a esquerda, vocês vão ver a mundialmente famosa Casinha do Mistério! — anunciou, apontando para o banheiro decadente.

— Será que posso ir ao banheiro? — um garotinho perguntou.

— Deixem as perguntas para depois do tour! — Stan respondeu.

Dentro da Cabana do Mistério, Mabel observava Stan levando os turistas rumo à floresta. Ela se virou para Waddles e sorriu.

— Até que enfim temos a casa toda pra nós! — disse alegremente. — O que acha? Vamos dançar?

— *Oinc!* — falou Waddles.

Mabel virou a placa da porta de ABERTO para FECHADO e aumentou a música.

— Festa dançante do porco!

Mabel e Waddles dançaram, gingaram, saltitaram, requebraram e balançaram. Comeram o máximo de picolés que puderam. Colocaram óculos bobos e tiraram *selfies*.

— Isso! Isso! Isso! — Mabel comemorou. Então se jogou no chão, exausta. Waddles lambeu sua mão, e Mabel se sentou.

— Uh-oh! Hora dos beijinhos! — ela disse, enquanto Waddles subia em seu colo. E então Mabel o abraçou.



— Waddles, posso te contar um segredo? — perguntou.
— Você é o meu porco favorito no mundo todo.

Então eles fecharam os olhos para tirar um cochilo. Stan entrou, murmurando e contando seu dinheiro, e acabou tropeçando neles.

— Mabel, o que está fazendo no chão? — perguntou.
Mabel sorriu.

— Sendo bem boazinha.
Stan balançou a cabeça.

— Achei que seu irmão era esquisito.

Mabel se levantou num salto e colocou um boné com um pinheiro na cabeça, igual ao que Dipper usava.

— Uh, eu sou o Dipper — ela disse, imitando uma voz masculina e boba. — Eu beijo o travesseiro com baba da Wendy! Ohhh, Wendy!

Stan gargalhou.

— Haha! Essa é boa.

Enquanto Stan falava, Waddles decidiu dar uma mordida na barra da calça dele. Ao perceber, Stan o chutou para longe.

— Pra fora! Agora! — grunhiu.

Mabel agarrou Waddles, protegendo-o.

— Não! Tivô Stan! Não é seguro pra ele lá fora. Tem predadores! E tem churrascos!

Stan encolheu os ombros.

— É a ordem natural das coisas. Não é culpa minha se o seu porco é delicioso.

— Ele tem que ficar aqui dentro, como uma pessoa! — Mabel protestou.

— As pessoas não ficam rolando na imundície — Stan observou. — Exceto o Soos.

— E nós somos os inferiores — Mabel disse. — Acho que devíamos ser colocados pra fora. Ahm? Ahm? Pense nisso!

Com uma última olhada para Stan, Mabel se afastou.

Nas profundezas da floresta de Gravity Falls, Dipper e Soos estavam muito mais alegres do que Mabel. Soos estacionou sua picape na frente de uma árvore enorme. Eles saíram do veículo e se sentaram na garupa.

— Hoje é o dia, Soos! Não vejo a hora de cumprir a missão — Dipper disse.

— Puxa, é uma honra. Estou suando de calor *e* de ansiedade — Soos falou, limpando o suor da testa com a mão.

Dipper abriu uma pasta e observou as evidências que tinha coletado.

— Tem um monstro lá fora! — Dipper soltou. — Uma coisa tão grande que arrancou o teto de uma viatura e pegou a ovelha do fazendeiro Sprott, a cidade inteira está comentando. Se pegarmos essa coisa, seremos heróis!



— Vamos faturar todas as gatas — Soos falou. — Vai ter que se defender dos beijos com uma vareta!

Dipper deu um empurrãozinho nele.

— Haha, o que é isso, cara?!

Soos o empurrou de volta.

— É, com uma vareta, amigão.

Dipper pulou no chão.

— Tá bom, me ajuda aqui.

Eles trabalharam juntos na elaboração de um plano. Para isso, precisavam amarrar três câmeras diferentes em três árvores. Conseguiram posicionar duas. As cordas que as seguravam criaram uma complexa rede entre as árvores, e eles colocaram um pedaço de carne bem no meio. Soos

armou a terceira câmera e foi descendo aos escorregões para encontrar Dipper, sentando-se em um tronco. Durante o caminho, as mãos de Soos ficaram presas na seiva de uma árvore.

Dipper olhou orgulhosamente para o que tinham feito.

— Se tudo ocorrer como planejei, a criatura vai pegar aquele filé, cortar as cordas e ativar as câmeras A, B e C.



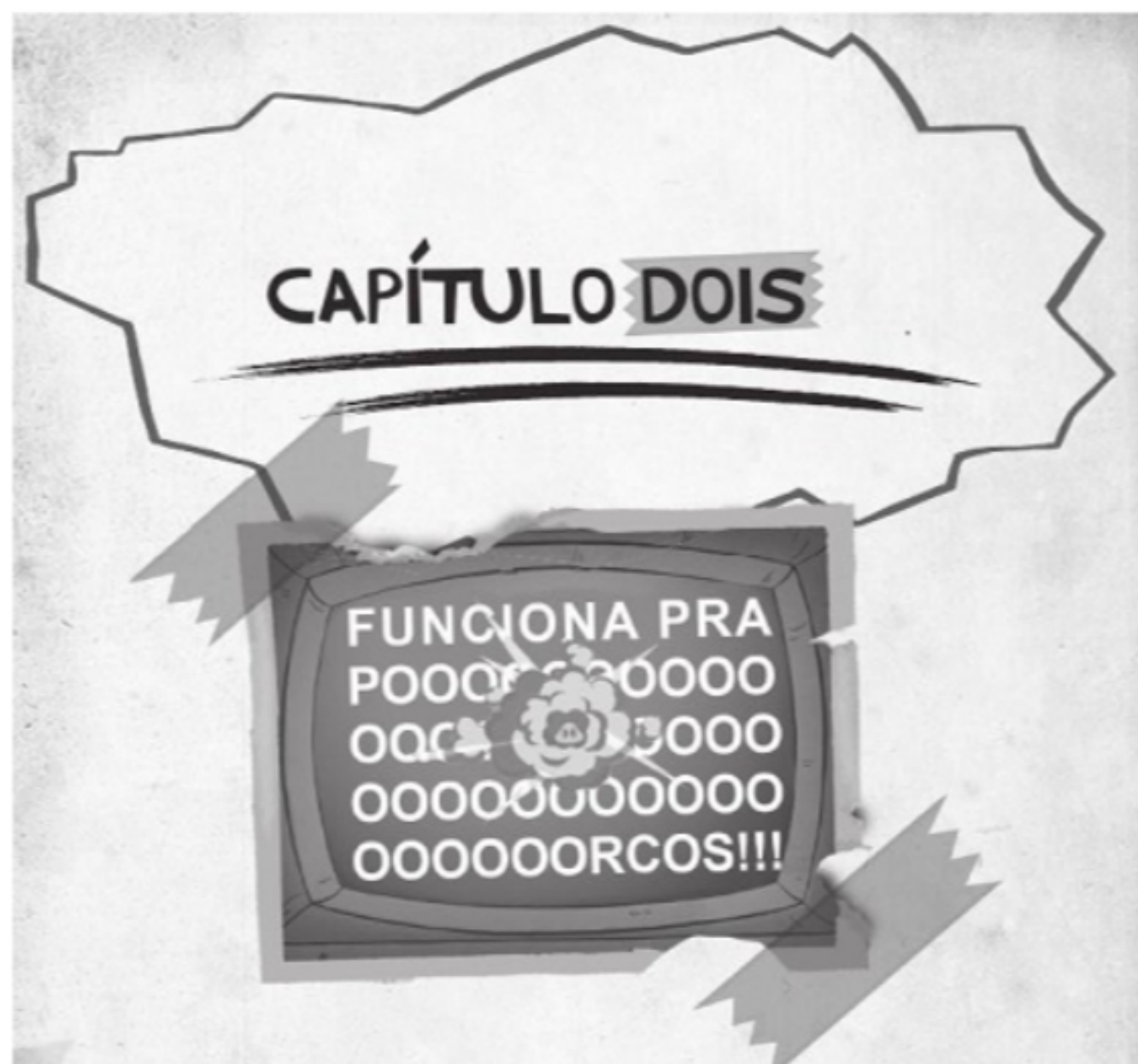
— E nada pode dar errado — Soos disse, confiante. — Toca aqui!

Ele bateu na mão de Dipper, e as mãos deles ficaram grudadas.

— Isso estava fora dos meus planos — Dipper observou. Então... *Vush!* Algo voou entre eles em alta velocidade, cortando todas as cordas. As três câmeras foram acionadas ao mesmo tempo.

Dipper encarou Soos, animado.

— Nós o pegamos!



NA CABANA DO MISTÉRIO, Mabel e Waddles assistiam à TV enquanto ela tricotava um suéter para o porquinho. Ela já tinha feito um vermelho para si com uma imagem de Waddles. O dele teria uma imagem de Mabel, é claro.

Então um comercial surgiu na tela.

— Cansado de deixar o seu bebê cair? — o anunciante perguntou. — O que você precisa é do Maxicanguru do Guru!

Uma espécie de mochila para carregar bebês apareceu.

— Sei o que está pensando: será que funciona com porcos? Claro que funciona com porcos! Sinta o coração do porquinho junto ao seu. FUNCIONA PRA PooooooooooooooooooooorcOS!

Os olhos de Mabel se arregalaram. Era exatamente o que ela precisava!

— Tivô Stan! Estou saindo pra comprar o Maxicanguru do Guru! — ela gritou, correndo para o quarto de Stan. Seu tio-avô estava ajeitando o paletó preto e se olhando no espelho.

— Já não bastam as blusas de tricô combinando? — ele perguntou.

— Não! Então preciso que você cuide do fofinho aqui enquanto isso — Mabel disse, entregando-lhe Waddles.



— Olha, criança, tenho um tour em cinco minutos. Estou ocupado — Stan respondeu.

— Tivô Stan, sei que não gosta muito do Waddles — Mabel começou.

— É um gordo bobão e pelado — Stan falou, arrumando a gravata.

— Mas você gosta de MIM. Prometa que não vai deixá-lo lá fora?

Mabel olhou para Stan com a expressão mais doce que conseguiu fazer.

— Tá, tudo bem — ele resmungou. — Prometo.

— Obrigada, Tivô Stan! — Mabel disse com alegria. Ela colocou Waddles no chão e saiu correndo para a loja.

Stan se inclinou e encarou Waddles.

— Estou de olho em você, porco — avisou, apontando um dedo para ele.

Waddles ergueu sua patinha e gentilmente tocou o dedo de Stan. Foi adorável, mas Stan era imune ao charme do porco. Ele saiu para encontrar o grupo do tour. Depois que pagaram — a parte favorita de Stan —, ele os conduziu para a sala principal da Cabana do Mistério.

A exposição exibia uma variedade de objetos estranhos e incomuns: uma cabeça de veado com asas de morcego saindo do pescoço, um crânio gigante de dinossauro e a Maior Rosquinha do Mundo — talvez —, só para mencionar alguns. Stan sempre alegava que eles pareciam reais o suficiente para enganar os turistas tolos e horríveis o suficiente para encantar os espertinhos.

Havia uma atração que os turistas sempre adoravam. Stan se aproximou de um objeto alto coberto por um lençol.

— E aqui está a mais abominável criatura conhecida pelo homem! — gritou, retirando o lençol com um floreio... para revelar um espelho empoeirado.

A família de turistas olhou para seu próprio reflexo e deu risada. Stan os tinha na palma da mão.

— Tá, tá, muito divertido — ele disse, conduzindo-os até outra atração coberta com um lençol. — Mas falando sério agora, pessoal. *Isso* é de verdade. Apresento a vocês um unicórnio feito de sabugos. O Unibugo!

Ele retirou o lençol... para revelar a estrutura de arame do Unibugo. O milho tinha sumido!

— Mas o que...?

Então Stan notou Waddles no canto, aninhado no suéter que Mabel havia feito para ele. Todo coberto de milho.

— Que enganação! — lamentou o pai da família de turistas. — Crianças, deixem aí todas as lembrancinhas caras que a gente ia comprar. Vamos embora!

As crianças largaram todos os *souvenirs* que seguravam e seus pais se apressaram para fora da Cabana do Mistério.

— Nãoooooooooo! — Stan gemeu, seguindo-os.



Dipper e Soos passaram por ele. Dipper carregava as câmeras que eles haviam usado na floresta.

— Conseguimos! — Dipper comemorou, ao entrar na Cabana do Mistério. — Ele caiu na armadilha! Em algum lugar dessa câmera está a foto da criatura!

— Viva! Estou tão animado! — Soos concordou, fazendo um movimento de caratê.

— Vou revelar o filme — Dipper anunciou, subindo as escadas para seu quarto no sótão.

— Vou pegar os salgadinhos da vitória — Soos se ofereceu, locomovendo-se até a despensa. — Dipper e Soos pra sempre!

Dipper logo começou a trabalhar, transformando seu quarto em uma câmara escura de fotografia. Ele tinha usado câmeras antigas na floresta, então precisaria de químicos e de uma escuridão quase total para revelar os filmes.

Conseguiu revelar o primeiro rolo e pendurou as fotos para secar. A maioria delas só mostrava árvores e galhos, mas o que seria aquilo?

— É uma asa! — exclamou. — Então, se a câmera B tem uma asa, significa que a câmera C tem o resto!

Apressado, foi até a bandeja de químicos que continha uma das fotos da câmera C. A imagem estava começando a se formar. Conforme ia ficando cada vez mais nítida, ele viu um objeto enorme. Tinha asas, mas era muito maior que um pássaro. O que era aquilo? Apenas mais alguns segundos...

— Quem vai querer comer uns salgadinhos? — Soos gritou, abrindo a porta.

A luz inundou o cômodo, estragando o processo químico. A imagem no papel ficou preta. Estava arruinada!



— Nãooooooooooooo! — Dipper berrou.

Lá embaixo, Stan saiu segurando Waddles em um braço. Para garantir que não estava sendo observado, amarrou Waddles em um poste e o pregou no chão.

— Só dez minutos sem o porco na casa. Será que é pedir demais? — Ele olhou para Waddles em seu suéter vermelho. Ainda estava preso ao novelo de lã. — Pronto. Qualquer coisa, isso nunca aconteceu.

Stan enfiou uma nota de cinco dólares na corda ao redor do pescoço de Waddles e voltou para dentro.

— “Ah, mas Tivô Stan, não é seguro lá fora, tem predadores” — murmurou, em uma imitação de Mabel. — Ah, caramba.

De repente, um vento forte derrubou o chapéu de Stan. Olhando para cima, ele viu um pterodátilo gigante, que desceu do céu e agarrou Waddles.

No andar de cima, Dipper estava bastante irritado com Soos.

— Sem ofensa, mas você tem que ter um pouco mais de cuidado — estava dizendo. — Afinal, quando vamos poder tirar outra foto...

Creeeeeeeeeeec!



O som do pterodátilo os assustou. Eles dispararam para a janela bem a tempo de vê-lo voando. Em pânico, correram para fora.

Stan estava olhando para o céu, em choque.

— A gente não estava caçando um monstro... Aquilo era um dinossauro, rapaz! Rá! Eles não estão extintos! — exclamou Soos.

Dipper estava perplexo.

— Como é possível um dinossauro viver durante 65 milhões de anos?

Soos cutucou Stan.

— O senhor viu, sr. Pines?

— Levou... levou ele — Stan disse, de boca aberta.

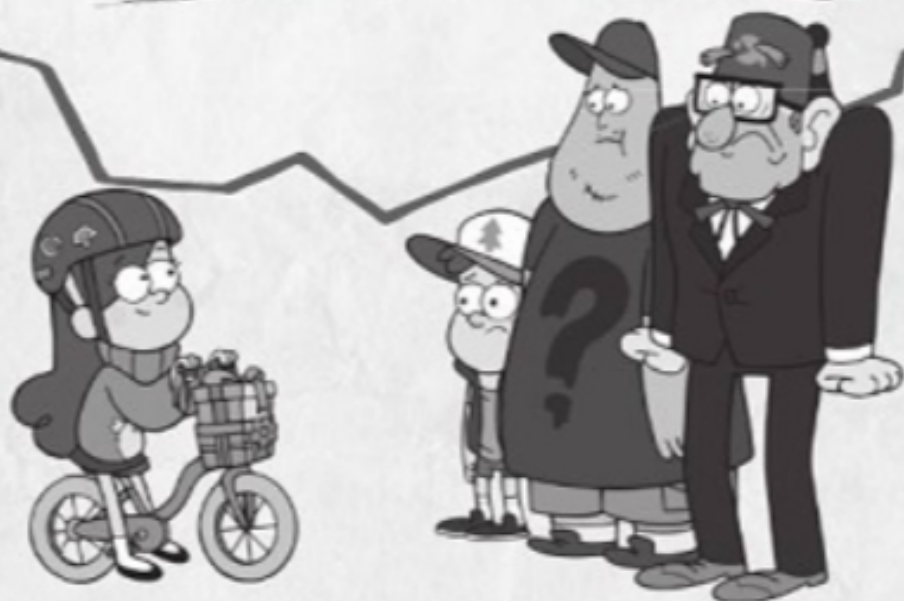
— O quê? — Dipper perguntou.

— O porco. Levou o Waddles.

— O que você falou do Waddles?

Stan se virou. Horrorizado, deu de cara com Mabel chegando de bicicleta.

CAPÍTULO TRÊS



— **O QUE ESTÁ** acontecendo? — Mabel perguntou. —
Por que está todo mundo esquisito? — Ela olhou ao redor.
— E cadê o Waddles?

Stan pegou o poste que tinha usado para amarrar Waddles e o escondeu atrás de si.

— Ah, a boa notícia é: você vai ganhar um cachorrinho!
— ele disse.

Mabel estreitou os olhos, desconfiada.

— O que aconteceu?

Stan não conseguia contar.

— Bom, sabe, é... então...

Então Soos deu a notícia.

— O seu porco foi devorado por um *pteropátilo*.

— *O quê?* — Mabel perguntou, sem acreditar. Ela ficou correndo em pânico, procurando o porco. — Waddles? Waddles?



Sua respiração ficou ofegante.

— Pra onde foi? Como aconteceu? — perguntou. — Tivô Stan, não o deixou aqui fora, né?

Dipper e Soos se viraram e olharam para Stan.

— O quê? Ah, não. Não deixei em lugar nenhum. Eu não estou com cara suspeita! *Vocês* estão com cara suspeita. O que é um porco?

Stan gaguejava. Tinha que pensar rápido.

— Ah, olha, eu entrei na casa, tá? — começou a explicar.
— Então lá estava eu na sala, ternamente o alimentando com um leitinho cremoso. Quando de repente...

— O *pteropátilo*? — Soos perguntou.

Stan assentiu.

— Ele derrubou a porta e o arrancou das minhas mãos! Então pulei em cima dele e comecei a socar sua cara o mais forte que consegui. Mas ele jogou sujo, me cutucou bem no olho e caí. Então ele saiu voando com seu porco.

— Waddles! — Mabel gemeu.

— “Por quê?! Por que não levou a mim?!”, gritei aos céus — Stan contou a Mabel, enterrando o rosto nas mãos. Será que ela acreditaria?

Mabel envolveu os braços ao redor dele.



— Oh, Tivô Stan! Tentou salvá-lo!

— Ah, é — Stan concordou, tremendo de leve. — Eu sou um grande homem, sabia?

Dipper estava cético.

— Deu um soco na cara do pterodátilo? Achei que nem acreditava no sobrenatural.

— Não tem nada a ver com magia, são lagartos grandes. Vê se me esquece! — Stan cortou.

Lágrimas enchiam os olhos de Mabel.

— Oh, Waddles.

— Já chega! — Dipper falou, furioso. — Nenhum pterodátilo vai zoar a minha irmã. Vamos pegar aquele monstro e resgatar o seu porquinho! Pela Mabel, galera!

Soos concordou:

— Pela Mabel! Mas como vamos encontrar o fofinho?

Mabel olhou ao redor. Tinha que haver uma pista...

Então ela percebeu o novelo de lã vermelha ainda preso ao suéter de Waddles. O novelo foi desenrolando conforme o pterodátilo voava com Waddles e seguia em direção à floresta.

— Genial! — Dipper gritou.

— Ou, sabe, podíamos deixar pra lá e jogar uma partidinha de bilhar e... — Stan sugeriu, mas todos o encararam, incrédulos. — É — falou baixinho. — Vamos lá salvar Waggles!

— Waddles — Mabel o corrigiu.

— Ele também.

Para enfrentar um pterodátilo, eles precisariam estar preparados. Dipper e Mabel reuniram os equipamentos: mapas da floresta, bestas, lanternas e outros utensílios. Soos colocou uma gaiola gigante na traseira da picape. Então pegou uma lata de tinta spray e escreveu: PTERODÁTILO-MÓVEL.

— Tá legal! — Soos disse, satisfeito. — O *pteropátilo* nem vai saber o que o atingiu.

Dipper se encolheu ao ouvir Soos pronunciar a palavra errado.

— O certo é “pterodátilo”, irmão.

— Na verdade, ninguém sabe como se fala porque ninguém estava vivo no tempo dos dinossauros, então... — Soos explicou, utilizando sua marca especial de lógica.



Ele se deitou de costas e enfiou a cabeça embaixo da picafe, para prender uma das correias da gaiola. De repente, o veículo deu um tranco e avançou sozinho. Soos pulou para fora do caminho bem a tempo. A picafe parou de se mover tão rápido quanto começou.

— Oh, quase passou na minha cabeça! Hehe.

Dipper puxou Mabel para um canto.

— Mabel, temos que conversar — ele disse, baixinho. — Essa é uma missão supercomplicada, e estou preocupado com o Soos vindo com a gente. Eu o adoro, mas a verdade é que ele é um pouco atrapalhado.

— O quê? — Mabel perguntou. — Bem, fala com ele com jeitinho.

Então Soos chegou e envolveu um braço ao redor dos ombros de Dipper.

— Isso é tão legal! Você e eu, irmão. Melhores amigos. Lutando e talvez detonando dinossauros.

— Soos, olha... tenho que te falar uma coisa — Dipper começou, sem jeito.

— Tá, só que, antes disso, dá uma olhada nas camisetas iguais que fiz pra gente.

Ele segurava duas camisetas onde se lia “IRMÃOS PTERODÁTILO”, e havia até um desenho de Dipper e Soos juntos.

— Quem é esse garotão aqui? — Soos perguntou, apontando para o desenho. — Você. Só dá você. E esses raios indicam amizade. E aí, o que ia falar mesmo?

Dipper olhou para Mabel, nervoso, e ela só encolheu os ombros. Então encarou Soos, que já estava no banco do motorista. Dipper não poderia dizer para ele ficar de fora agora.



— Ah, *pteropátilo*, aí vamos nós! — Dipper disse, num suspiro.

— É isso aí! — Soos comemorou.

Dipper, Mabel e Stan se amontoaram na picape, e Soos deu a partida. Eles seguiram a linha vermelha pela floresta e acabaram em uma igreja abandonada. Musgo crescia nas paredes de madeira descascadas, e todo o edifício estava em uma situação decadente.

Mabel pulou para fora da picape primeiro e seguiu a linha vermelha conforme os outros a acompanhavam. Uma luz fluiu através das vigas e revelou um velho magro de barba longa e branca.

— Velho McGucket? — Mabel perguntou.

— Tudo bem, pessoal? — ele os cumprimentou, enquanto dedilhava as cordas de seu banjo.

— O que está fazendo aqui? — Dipper perguntou.

— Nunca vão acreditar! Estava fazendo minha dancinha de sempre — ele explicou, enquanto fazia uma demonstração batendo suas mãos nos joelhos — quando uma enorme criatura alada roubou minha colher musical e voou direto pro buraco da mina abandonada lá embaixo!

Ele apontou para um buraco enorme no chão. A linha vermelha seguia diretamente para baixo. Vapores fétidos e estranhos subiam do buraco. Todos espiaram.

— Parece meio cabeludo lá embaixo — Stan falou.

— Vamos, Tivô Stan! — Mabel incentivou. — Você dá conta. Você socou o pterodátilo na cara, lembra?

— Ah, é. Eu fiz isso, não foi?

— Galera, nós vamos descer — Mabel disse, decidida.



— Querem alguém pra segurar o lampião enquanto conto umas historinhas? — o Velho McGucket perguntou.

— Não, obrigado! — Stan respondeu.

Mas o Velho McGucket não conhecia o significado da palavra “não”. Dipper prendeu uma corda na picape e a jogou no buraco. Um a um, eles foram descendo para a escuridão.



ELES DESCIAM E desciam escuridão sinistra adentro, quando de repente...

Paf! A corda se rompeu. Eles caíram no chão com um baque. Por sorte, não estavam tão alto e ninguém se machucou.

Resmungando e batendo a poeira, eles se colocaram de pé. Dipper seguia na frente com o lampião.

— Uau — disse, enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão.

Ao redor deles, havia todo um mundo novo repleto de plantas frondosas, cogumelos gigantes e raízes retorcidas. Também havia piscinas circulares que pareciam banheiras de hidromassagem.

Todos olhavam encantados. Dipper cruzou os gêiseres e se aproximou de uma planta.

— Essas plantas me parecem jurássicas — observou.



Soos se abaixou para cheirar uma planta com flores de coloração rosa-choque.

— Isso cheira a ácido de bateria — ele atestou.

Puf! A planta espirrou um gás nocivo.

— Ah! Parece que eu perdi meu faro — Soos gritou e então deu risada.

Mabel apanhou a foto dela e de Waddles com aqueles óculos bobos.

— Oh, Waddles. Vamos achar você! — prometeu.

A enorme entrada de um velho túnel de mineração surgiu diante deles. E o fio vermelho seguia por ali. Dipper iluminou o caminho à medida que eles avançavam. A luz amarelada do lampião brilhou nas paredes ásperas da caverna, iluminando o rosto de um gigante *Tyrannosaurus rex* rosnando para eles!

— Aaaaaaaah! — todos gritaram ao mesmo tempo.

Então pararam. O *Tyrannosaurus rex* não estava se mexendo. Parecia congelado. Foi quando eles perceberam que a criatura estava presa em um gigante monte de seiva!

Dipper iluminou ao redor. Outros dinossauros estavam presos na seiva também.

— Estão presos em seiva de árvore — Dipper disse. — Foi *assim* que sobreviveram por 65 milhões de anos.



Um dos blocos gigantes de seiva estava vazio. Era possível ver o formato de um pterodátilo ali dentro, e a seiva escorria pelo chão da mina.

— E o calor está derretendo a seiva e os soltando — Dipper concluiu.

Stan perambulava pela caverna, maravilhado. Onde outros viam dinossauros, ele via grana.

— Carambola! Esqueça o Unibugo, isso é a maior atração do mundo! Podíamos trazer as pessoas aqui e transformar isso num parque temático: o Buraco Jurássico da Seiva!

— Ai, galera — Soos chamou, com medo na voz.

Ele apontou para um velociraptor. Uma garra gigante e afiada perfurou a seiva derretida e balançava lentamente...

— É melhor a gente continuar andando — Dipper falou.

Stan não estava ouvindo.

— Isso pode ser uma mina de ouro! — ele disse, visualizando a atração em sua mente. — Cordões de veludo ali, cabine de ingressos lá. Devia ter posto aquele porco pra fora há mais tempo.

— Espera, o que foi que disse? — Mabel perguntou.

— Ahm, o quê? — Stan devolveu, tentando fingir inocência.

Mabel apontou para ele.

— Você disse que o dinossauro voou pra dentro da casa.

— N-não, espera... — Stan gaguejou.

— Você deixou o Waddles lá fora e depois mentiu pra mim! — Mabel berrou. — E agora, graças a você, o meu porco pode estar morto.



— Olha, ele é um animal. O lugar dele é do lado de fora.
— Não. Acabou! Tivô Stan, nunca mais vou falar com você! — Mabel cruzou os braços e virou de costas.
— Não pode estar falando sério! — Stan replicou.
— Tem alguém falando aí? Porque eu não estou ouvindo!
— Mabel devolveu.
— Garota! — Stan implorou, mas Mabel tapou os ouvidos com as mãos.

— Lá-lá-lá-lá, não estou ouvindo ninguém! — ela continuou, se afastando.

— Gente, gente, não briguem! Por que não podem ser como o Dipper e eu? — Soos falou, colocando um braço em volta do garoto. Então pegou a linha vermelha e começou a enrolá-la em sua mão gorda.

— Vai dar tudo certo. Pra encontrar o porco, só temos que seguir esse cordão! É só seguir, seguir e, quando chegar no final... — Soos olhou para a sua mão e percebeu que tinha recolhido todo o fio! — Opa — Soos se virou e viu uma série de entradas na parede. — Qual era a caverna mesmo?

Dipper ergueu as mãos no ar, em frustração.

— Ah, Soos! Você perdeu a trilha!

— Calma aí, vamos achar o caminho — Soos respondeu, otimista como sempre. — Vai por mim!



Ele deu um tapa nas costas de Dipper. Muito forte. O lampião escapou das mãos de Dipper e se quebrou no chão. A chama apagou, deixando-os em uma escuridão total.

— Desculpa, velho.

— Já deu! É por isso que eu não queria que você viesse com a gente! — Dipper disse, furioso.

— Como assim? — Soos perguntou.

— *Como assim* que é muito importante pra Mabel, e você continua estragando tudo! Você arruinou a foto, e agora estamos perdidos por sua causa! — Dipper gritou.

— Mas nós somos irmãos *pteropátalos*. Eu fiz camisetas. Ele segurava uma das camisetas que tinha feito.

— Se fala *pterodátilo*! E essas camisetas são inúteis! São enormes!

— Eu tenho um corpo diferente, velho! — Soos retrucou, bravo.

— Ah, é? — Dipper devolveu, e eles começaram a gritar um com o outro. Então Mabel e Stan também começaram a discutir.

— Ei! — A voz do Velho McGucket silenciou todos. — Alegria, pessoal! Consertei o lampião!

Velho McGucket segurava o lampião, e a luz iluminou um pterodátilo enorme parado bem atrás dele!



CAPÍTULO CINCO



— **AAAAAAAAAAAAAAAAAAAH!** — gritaram Stan, Mabel, Dipper e Soos.

— **AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAH!** — gritou o Velho McGucket em resposta, ainda sem fazer ideia de que havia um pterodátilo enorme logo atrás de si. Então ele riu. — O que estamos fazendo?

Diante das expressões aterrorizadas, ele se virou lentamente e viu o pterodátilo. A criatura o encarava com um desencorajador olhar reptiliano.

— Não façam movimentos súbitos nem muito barulho — o velho aconselhou. Logo em seguida, pulou e gritou: — Uhuuul! Encontramos um pterodátilo!

O pterodátilo guinchou, revelando uma boca cheia de dentes muito afiados. Depois atacou. Todos berraram e correram para a mina mais próxima.

A cabeça do pterodátilo ficou presa, dando ao grupo certo tempo. Eles correram pelo túnel e emergiram em uma enorme caverna. Trilhos cruzavam o abismo profundo até o outro lado.

— *ROAAAAAARRR!* — o pterodátilo rugiu atrás deles.

Eles rapidamente se esconderam atrás de umas estalagmites que brotavam do chão.

— Pessoal, precisamos de um plano pra fugir daqui! — Dipper disse.

— Olha, olha — Stan falou. — Que tal isso? Mabel faz uma roupa de porco pro Soos...

— Gostei disso! — Soos aprovou a ideia.

— ... e usamos o Soos como sacrifício humano.



— Gostei disso! — Soos aprovou a ideia outra vez.

— O que você acha, Mabel? — Stan perguntou, mas ela apenas desviou a cara.

— Ah, vamos. Não pode parar de falar comigo pra sempre! — Stan implorou.

— É, Mabel. Vamos trabalhar juntos aqui — Dipper pediu.

Soos o encarou.

— Ah, quer trabalhar com a Mabel, mas não com seu amigão Soos? — ele perguntou.

Todos começaram a discutir novamente.

— *Oinc, oinc!*

O som ecoou pela caverna. Os olhos de Mabel se arregalaram.

— Espera! Ouviram isso? — ela perguntou.

Ela viu Waddles espreitando atrás de uma pedra. O pterodátilo havia construído um ninho em uma rocha imensa e isolada no meio da caverna, construído acima do abismo. Dentro do ninho havia um ovo gigante. E um porquinho rosado.



— Waddles! — Mabel gritou.

Ela pulou e correu para o trilho, seguindo-o além da segurança da borda, pelo trecho frágil que atravessava o profundo e enorme abismo.

— Espera, garota! — Stan berrou.

Todos se levantaram para segui-la. Mas Mabel já estava na metade do caminho.

— Está maluca? — Stan a chamou.

Mabel parou.

— Ah, tem alguém falando? Porque eu não estou escutando nada!

— Oh, não! Ela ficou surda de medo! — lamentou o Velho McGucket, que não havia entendido nada.

Mabel se virou e permaneceu correndo até chegar ao ninho.

— Oh, meu Waddles! Nunca mais vou te perder! — prometeu, abraçando-o.



Dipper, Soos, Stan e o Velho McGucket a alcançaram.

— Olha, M-Mabel... — Dipper gaguejou, nervoso. Sua irmã estava preocupada demais com Waddles para perceber o que mais havia no ninho: esqueletos de antigos mineiros.

— Mabel, que bom, já o achou. Agora vamos embora daqui! — Dipper implorou.

— Tudo bem — Mabel concordou. — Deixa eu só colocar isso nele. — Ela pegou um Maxicanguru do Guru da mochila e o vestiu em Waddles.

— ROAAAAAARRR!

A mãe pterodátilo surgiu, guinchando e voando perto. Aterrorizado, Waddles escapuliu dos braços de Mabel e correu para fora do ninho, em direção ao trilho. Ele pulou em cima de Stan.

— Sai de cima de mim, porco inútil! — Stan gritou, agarrando Waddles.

A mãe pterodátilo investiu novamente, e todos se abaixaram. O dinossauro pisou no trilho, quebrando-o. Stan e Waddles despencaram no abismo.

Eles caíram, caíram e quicaram em um cogumelo gigante e esponjoso. Um segundo cogumelo amorteceu a queda, e eles pousaram em uma poça de lama. O porquinho chafurdou com alegria nela.



— ROAAAAAARRR!

A criatura investiu, atacando-os primeiro nos pés. Depois, ela agarrou o chapéu de Stan e saiu voando, derrubando-o por acidente no ninho. Mabel rapidamente o pegou.

— Gente, temos que salvá-los! — Mabel gritou.

Dipper pensou rápido. O Velho McGucket podia ser bem criativo de vez em quando.

— McGucket! Tem alguma invenção pra gente distrair o pterodátilo? — perguntou.

— Se eu tenho? — o velho replicou com um grande sorriso, então pegou seu chapéu e remexeu lá dentro, à procura de algo. — Não!

Até que ouviram o som de algo se partindo. Eles se viraram devagar e depararam com um ovo branco imenso se abrindo. E a cabeça de um pterodátilo bebê emergiu. O filhote de três metros se arrastou para fora do ovo e os encarou com o olhar vazio.

— Oooown — Mabel disse.

O Velho McGucket sorriu.

— Oh, bem-vindo ao mundo, meu bebezi...

Gulp! O pterodátilo bebê abriu a boca e engoliu McGucket em uma abocanhada só.



Dipper, Mabel e Soos gritaram.

Lá embaixo, Stan e Waddles se abrigaram em um cogumelo gigante, enquanto a mãe pterodátilo sobrevoava a área.

— Aquele bicho deve estar com fome — Stan sugeriu. — Acho que é você ou eu, porco.

Com o pé, ele empurrou Waddles para fora do esconderijo. O porco se virou e o encarou.

— O que está olhando? — Stan grunhiu.

Waddles apenas o observava.

— Ah, para! Não me olha assim. O que eu devia fazer? Deixar ele me comer? — Stan perguntou.

Waddles o encarou mais um pouco.

— Ah, já entendi! — Stan bufou. — Quer que me sinta culpado, mas não vai funcionar. Quem se importa se você é o que a Mabel mais ama no mundo? Posso viver sem a garota falando o tempo todo... contando piadas... me fazendo rir.

Ele foi ficando cada vez mais triste enquanto pensava nela. Olhou para Waddles e então para o rostinho de Mabel no suéter.

— Ai, caramba! — disse com um suspiro. Saiu correndo do abrigo e pegou Waddles. Então o colocou no Maxicanguru do Guru em suas costas.

— ROAAAAAARRR!

A mãe pterodátilo o viu e atacou de cima. Stan permaneceu firme, com os punhos cerrados.

— Bom, essa vai ser a coisa mais estúpida que já fiz — murmurou para si.

Stan tomou fôlego e gritou o mais alto que pôde para o dinossauro que se aproximava.

— Você quer este porco? Então terá que passar por cima de mim, seu monstro voador!



CAPÍTULO SEIS



EM CIMA DO NINHO, Dipper, Mabel e Soos olhavam para o bebê pterodátilo, horrorizados.

— Ah, velho! Ele devorou mesmo aquele pobre mineiro? Que encrenca! — Soos lamentou.

Então o filhote arrotou, e a cabeça do Velho McGucket surgiu em seu bico.

— Estou bem! — ele disse, acenando. Em seguida, o pterodátilo bebê deu outro arroto e o engoliu de volta.

— O que a gente faz? — Dipper gemeu.

— Nós temos que formar uma fila — Soos disse.

— O quê? — Mabel perguntou.

— Li em algum lugar — Soos explicou. — Os olhos do pteropátalo são tão afastados que, se ficarmos na frente dele, ele não vai nos ver.

Dipper estava em dúvida.

— Soos, você só falou besteira o dia inteiro. Como vamos...

— Velho, escuta, sei que fiz muita besteira — Soos o interrompeu. — Às vezes sou atrapalhado e nem tão legal quanto eu acho que sou. Mas, por favor, como meu amigo, acredite em mim desta vez.

O pterodátilo bebê estava mascando o chapéu do Velho McGucket. Dipper sabia que, ao terminar, viria atrás deles. Deu um aceno com a cabeça para Soos.

— Fiquem atrás de mim, amigos! — Soos orientou, corajoso.

Dipper e Mabel formaram uma linha atrás de Soos. Eles começaram a recuar devagar.



O bebê pterodátilo ergueu a cabeça de uma vez, e eles congelaram. Ele se virou e ficou cara a cara com eles, mas parecia não os enxergar. Exatamente como Soos tinha dito.

— Está dando certo! — Mabel sussurrou.

Lentamente, eles deixaram o ninho e seguiram pelos trilhos acima do abismo. Confuso, o bebê pterodátilo se virou para o ninho, mordiscando os ossos dos mineiros mortos.

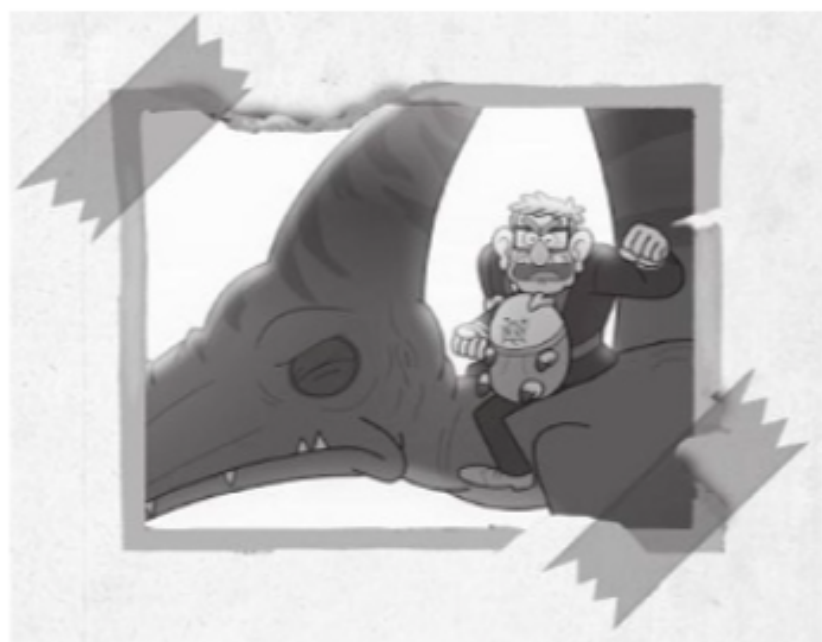
Dipper, Mabel e Soos alcançaram o outro lado e se sentaram atrás das estalagmites, aliviados.

— Soos, você conseguiu! — Dipper comemorou.

— *ROAAAAAARRR!*

O terrível guincho da mãe pterodátilo reverberou pela caverna. Olhando para cima, eles a viram voando ao redor, girando em círculos descontroladamente.

Ela se aproximou, e foi quando eles perceberam Stan, montado no dinossauro como um caubói em um cavalo selvagem. Ele tinha Waddles preso a si e socava a criatura na cara furiosamente! Dipper, Soos e Mabel observavam maravilhados.



Confusa, a mãe pterodátilo bateu na borda do abismo. Stan pulou antes que a fera caísse. Todos correram até ele, animados.

Stan tirou Waddles do Maxicanguru do Guru e o entregou a Mabel.



— Aqui está o seu porco — Stan disse. Mabel deu um abraço bem apertado em Waddles.

— Waddles! — ela deu um gritinho alegre. Então olhou seu tio-avô com admiração. — Você o salvou pra mim.

Stan deu de ombros.

— É, bom, às vezes a gente só tem que... *Cuidado!*

A gigantesca cabeça da mãe pterodátilo apareceu na borda do abismo. Eles gritaram e correram para o túnel enquanto o dinossauro furioso se arrastava atrás deles, batendo o enorme bico.

Ao saírem do túnel, a criatura também se impulsionou para fora, voando. Berrando e correndo o mais rápido que podiam, eles passaram pelos dinossauros aprisionados na seiva. Chegaram no poço da mina e olharam para cima, para a corda rompida balançando fora de seu alcance. Não havia saída!



Então Dipper notou algo. Um dos gêiseres estava posicionado bem abaixo da igreja. Ele lançava para cima um jato de água potente.

— Rápido! O gêiser pode tirar a gente daqui! — Dipper anunciou.

Eles subiram no gêiser, à espera da próxima explosão para lançá-los rumo à segurança. A mãe pterodátilo fez uma nova investida e abriu bem o bico.

— Amigos antes dos dinossauroooooos! — Soos berrou e esmurrou a lateral do gêiser com tanta força que acabou ativando-o. Um jato de água explodiu, levando-os para cima.

— *Uooooooooooooooooooooou!* — eles gritaram enquanto o gêiser os impulsionava de volta para a igreja. Eles emergiram pelo telhado de madeira frágil e pousaram em uma pilha de escombros.



Ofegantes e exaustos, deixaram a antiga igreja depressa ao passo que o telhado desmoronava, cobrindo o enorme buraco que levava ao mundo dos dinossauros.

— Eu nem acredito que você fez tudo isso pelo Waddles

— Mabel disse a Stan.

— Bom, eu não podia aceitar que minha sobrinha favorita não falasse comigo. E, se tiver que subir num pterodátilo e socar a cara dele, então é o que vou fazer — Stan falou, se apoiando em uma árvore.

— Isso é meio grudento — Mabel disse.

— Bom, é como eu me sinto — Stan contou.

— Não, quero dizer... — Mabel apontou.

Uma seiva escorria da árvore, que cobriu a mão de Stan. Sorrindo, ele colocou a mão no rosto de Mabel.

— Entendi! — Ele tentou tirar a mão, mas estavam grudados!



Dipper e Soos os ajudaram, e logo um Stan grudento, Mabel e Waddles cochilavam no banco traseiro, enquanto Soos dirigia de volta para casa. Dipper tirou a blusa e disse:

— Olha só, aquela coisa destruiu minha blusa. — Algo caiu em sua mão. — Se liga!

Ele segurava um dente enorme e cinzento.

— É um dente de dinossauro? Incrível! — Soos disse.

— Não tão incrível quanto o fato de ter salvado a gente.

— Dipper falou, erguendo o punho para Soos. — Irmãos pterodátilo?

Soos deu um toque com seu punho.

— Irmãos pterodátilo. Ei, eu falei direito agora, né?

Dipper olhou a igreja pelo retrovisor, enquanto se afastavam.

— Acha que a gente tem que se preocupar com os outros dinossauros?

— Acho que não — Soos respondeu.

Na antiga igreja, algo abriu caminho entre os escombros, no buraco que levava ao mundo dos dinossauros. As tábuas rangeram, revelando...

... o Velho McGucket segurando suas colheres.

— Abri meu caminho comendo dinossauro!

